

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**IZADORA CRISTINA DOS SANTOS**

**DE RESIDENTE À ATINGIDO: As marcas do deslocamento ambiental no caso  
Braskem em Maceió/AL.**

MACEIÓ, AL

2024

**IZADORA CRISTINA DOS SANTOS**

**DE RESIDENTE À ATINGIDO: As marcas do deslocamento ambiental no caso  
Braskem em Maceió/AL.**

Artigo científico apresentado ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para Obtenção da Graduação em Ciências Sociais – Licenciatura.

Orientador: Wendell Ficher Teixeira de Assis

MACEIÓ, AL

2024

# Folha de Aprovação

**IZADORA CRISTINA DOS SANTOS**

**DE RESIDENTE À ATINGIDO: As marcas do deslocamento ambiental no caso Braskem em Maceió/AL**

Projeto apresentado ao corpo docente da Universidade Federal de Alagoas, como requisito à obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Sociais apresentado em 28/03/2024.

## Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente  
 **WENDELL FICHER TEIXEIRA ASSIS**  
Data: 24/04/2024 13:37:16-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Orientador: Prof. Dr. Wendell Ficher Teixeira Assis  
(Universidade Federal de Alagoas)

Documento assinado digitalmente  
 **MONIQUE FLORENCIO DE AGUIAR**  
Data: 25/04/2024 17:25:31-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Examinadora: Prof. Dra. Monique Florencio de Aguiar  
(Universidade Federal de Alagoas)

Documento assinado digitalmente  
 **CAMILA DELLAGNESE PRATES**  
Data: 26/04/2024 08:53:08-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Examinadora: Prof. Dra. Camila Dellagnese Prates  
(Universidade Federal de Alagoas)

## AGRADECIMENTOS

Para tornar esse artigo possível, agradeço primeiramente a Deus, por ouvir minhas orações e me conduzir pelo caminho da confiança. Também agradeço aos meus pais, Rosângela, Carlos e minha avó Nilma, por investirem tempo e dedicação, me fazendo entender que a educação é o único caminho possível para grandes conquistas.

Agradeço também ao meu companheiro e melhor amigo, Filipe Lima, por estar ao meu lado e aguentar todas as crises durante o período de construção desse trabalho. Nessa jornada, também agradeço ao Prof. Wendell Ficher por tornar pequenas ideias em grandes realizações e às duas mulheres incríveis por aceitarem participar da banca, a Prof.<sup>a</sup> Monique Aguiar e a Prof.<sup>a</sup> Camila Prates.

E também aos entrevistados: Lina, João Paulo, Alda, Fernanda, Dona Josefa e Dona Tereza, que me concederam seu tempo e compartilharam comigo suas lembranças sobre os bairros atingidos. Aos meus amigos, agora, sim, cientistas sociais, políticos, antropólogos e geógrafo: Cleydjane Barbosa, Nilton Cesar, Ester Rízia, Alda Cândida, Karol Moraes, Júlia Maria Paredes, Evanaldo Fagner, Adão Marcos, Luiz Emanuel e Arione Porto.

Por fazerem parte e aguentarem esse longo percurso de muitas ansiedades, festas na paz e apresentações deseminário. Sem vocês, seria impossível concluir essa graduação. E aos meus amigos de jornada: Talysson, Ângela, Fernanda, Dayanne, Crislany.

*Devemos não somente nos defender, mas também nos afirmar, e nos afirmar não somente enquanto identidades, mas enquanto força criativa.*

*(Michel Foucault)*

## RESUMO

Este artigo pretende analisar a percepção dos atingidos sobre o impacto socioambiental e o deslocamento compulsório causado em decorrência das atividades industriais da Mineradora Braskem em Maceió (AL). O trabalho se ancora na noção de "pessoa atingida" avançada por Carlos Vainer (2003) e Andréa Zhouri (2017). A partir da incidência de tremores de terra e rachaduras na fundação e estrutura de casas, edifícios, vias públicas, avenidas e demais edificações, causados pela massiva extração de sal-gema Sal-gema, nome utilizado para identificar um cloreto de sódio. Essa substância é utilizada para produzir soda cáustica e policloreto de vinila em solo urbano, os moradores dos bairros do Mutange, Pinheiro, Bom Parto, Bebedouro e parte do Farol perceberam-se vítimas de um afundamento iminente, tendo que deixar suas casas e bens materiais de imediato em virtude da aparente urgência. Em meio a estas problemáticas e agora sendo reconhecidos como "atingidos" pelo crime ambiental, os moradores destas localidades, em meio ao caos, precisaram reestruturar suas vidas. Haja vista todo este contexto, o presente trabalho foi organizado através de leitura e análise teórica, entrevistas semiestruturadas com deslocados (meet, whatsapp e presencial) e análise de discurso desses ex-moradores, visando compreender o emprego da categoria de "atingido".

**Palavras-chave:** Atingido; Braskem; Socioambiental; Maceió.

## ABSTRACT

This article aims to analyze the perception of those affected by the socio-environmental impact and compulsory displacement caused by the industrial activities of Braskem Mining in Maceió (AL). The work is anchored in the notion of "affected person" put forward by Carlos Vainer (2003) and Andréa Zhouri (2017). Following the incidence of earth tremors and cracks in the foundations and structures of houses, buildings, public roads, avenues and other buildings caused by the massive extraction of rock salt from urban soil in the capital of Alagoas, the residents of the Mutange, Pinheiro, Bom Parto, Bebedouro and Farol neighborhoods found themselves victims of an imminent collapse, having to leave their homes and material goods immediately due to the apparent urgency. In the midst of these problems and now being recognized as "affected" by the environmental crime, the residents of these localities, in the midst of the chaos, had to restructure their lives. In view of this whole context, this work was organized through theoretical reading and analysis, semi-structured interviews with displaced people (meet, whatsapp and person) discourse analysis of these former residents, with the aim of understanding the use of the category of "affected".

**Keywords:** Reached; Braskem; Socio-environmental; Maceió

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2. DEFINIÇÃO E APLICAÇÃO DO CONCEITO DE "ATINGIDO" NO CONTEXTO DO CASO BRASKEM .....</b>	<b>10</b>
2.1 Tornei-me um atingido, e agora?.....	12
2.2 Quais os impactos socioambientais para os envolvidos? .....	15
<b>3. CONFLITOS ENTRE OS ATINGIDOS E ÓRGÃOS PÚBLICOS.....</b>	<b>17</b>
3.1 Atingido ou Vítimas, qual a percepção que os ex-residentes têm sobre si?.....	19
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>21</b>
<b>5. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>23</b>

## 1. Introdução

A cidade de Maceió, capital de Alagoas, vivencia um crime socioambiental associado à atividade industrial da empresa mineradora Braskem<sup>1</sup>, que trabalha com a fabricação de resinas termoplásticas como: polietileno (PE), polipropileno (PP) e policloreto de vinila (PVC), além de insumos químicos na região. Esse crime desencadeado pela atuação da empresa resultou em impactos significativos para o meio ambiente e para a economia local e, o que é ainda mais preocupante, interferiu diretamente nas vidas dos moradores dos cinco bairros afetados. Em face desse contexto, este artigo busca investigar o impacto socioambiental do caso Braskem em Maceió, enfatizando as experiências de transformação dos ex-moradores dos bairros em "atingidos" a partir das considerações de Carlos Vainer (2003) e Andréa Zhouri (2017). Para tanto, foram realizadas entrevistas com moradores dos cinco bairros, onde se pôde observar e refletir acerca das dimensões que envolvem esse conflito.

O desastre do Caso Braskem ocorrido em 2018 na cidade de Maceió provocou a realocação forçada de moradores de cinco bairros tradicionais do estado e é considerado o maior desastre socioambiental urbano em curso no mundo. Em março de 2018, foi registrado um abalo sísmico no local, com tremor de alta intensidade, mais precisamente de 2,5 na Escala Richter (CPRM, 2019). Os residentes do local foram percebendo rachaduras incomuns nos imóveis, além de crateras e outras fissuras na estrutura das casas, o que preocupou-os. Cabe citar que no mês de fevereiro do mesmo ano ocorreram diversas chuvas, então a ideia defendida era de que essas chuvas agravaram o problema estrutural das residências no bairro do Pinheiro. Ainda no mesmo ano foram verificados danos semelhantes em outros bairros da capital, como o bairro do Mutange, que era localizado abaixo do bairro do Pinheiro e estava à margem da Lagoa Mundaú, e no bairro do Bebedouro, próximo aos citados, e, nos anos posteriores nos bairros do Bom Parto e parte do Farol. O que não se podia imaginar é que a causa destas rachaduras, crateras e outros danos estruturais nas residências daquelas localidades seria a degradação do solo, consequência direta da mineração<sup>2</sup> operada pela empresa Braskem. A atividade de extração de sal-gema, minério não-renovável, no perímetro urbano da capital de Alagoas acontece desde 1970, quando a petroquímica Braskem, antes

---

<sup>1</sup> A Braskem trabalha com a extração de resinas termoplásticas como: polietileno (PE), polipropileno (PP) e policloreto de vinila (PVC), além de insumos químicos na região.

<sup>2</sup> Informação atestada por pesquisadores e pesquisadoras da Universidade Federal de Alagoas e confirmada pelas autoridade do estado.

conhecida por Salgema Indústrias Químicas S/A, se instalou no estado e iniciou a extração do minério que é matéria-prima principal de seus processos produtivos. A consequência dessas décadas de mineração foram os imensuráveis danos à vida dos atingidos, aos equipamentos urbanos, às edificações e a lugares de valor histórico para a cidade de Maceió.

## **2. Definição e Aplicação do Conceito de "Atingido" no Contexto do Caso Braskem**

A categoria de “atingido” foi trabalhada inicialmente pelo professor brasileiro Carlos Vainer<sup>3</sup> (2003) conhecido por suas contribuições para o campo de estudos do planejamento urbanos e regional. Para Vainer (2003);

A noção de atingido diz respeito, de fato, ao reconhecimento, leia-se legitimação, de direitos e de seus detentores. Em outras palavras, estabelecer que determinado grupo social, família ou indivíduo é, ou foi, atingido por determinado empreendimento significa reconhecer como legítimo – e, em alguns casos, como legal – seu direito a algum tipo de ressarcimento ou indenização, reabilitação ou reparação não pecuniária. Isto explica que a abrangência do conceito seja ela mesma, objeto de uma disputa. (Vainer, 2003, pág. 2)

No artigo “Conceito de “atingido”: uma revisão dos debates e diretrizes (2003)”, o autor irá trabalhar com essa ideia a partir daqueles indivíduos que sofrem de alguma forma com a construção de barragens e usinas hidrelétricas. Vainer salienta que embora esse termo possa ser considerado técnico, ele não fica estreitamente ligado a isso, o mesmo busca analisar a dimensão política relacionada ao reconhecimento e legitimação de direitos lesados. O conceito segundo o mesmo se diversifica com o tempo e espaço e com os contextos culturais e políticos dos quais os indivíduos estão inseridos. Na literatura sociológica e antropológica, o significado da noção de atingido varia de acordo com os diferentes grupos e segmentos da população que reside na área de implantação dos projetos. O termo também se refere às pessoas, comunidades ou grupos que experimentam diretamente ou indiretamente tais impactos, sendo essencial para o reconhecimento e validação de suas perspectivas, necessidades e preocupações.

Por isso, as reações das populações atingidas por grandes empreendimentos surgem da divergência na definição do que é ser atingido, pois a categoria não é homogênea.

---

<sup>3</sup> Economista, sociólogo, Doutor em Desenvolvimento Econômico e Social/Université de Paris I - Panthéon/Sorbonne, Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2022), Professor Titular- Colaborador do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (PPUR/UFRJ).

(Vainer, 2008, p.10). Ou seja, existem várias razões pelas quais esses indivíduos afetados podem ter percepções diferentes sobre o que constitui ser "atingido". Isso pode incluir diferenças nas experiências individuais de cada um ou a comunidade, nos tipos e intensidades de impactos que foram sofridos e nas necessidades específicas de cada um.

A construção de grandes empreendimentos provoca mudanças sociais, que muitas vezes estão ligadas aos impactos no processo político, ambiental e cultural, por mudar toda uma estrutura que já está estabelecida. Entender o processo como mudança social implica, igualmente, considerar que há dimensões não estritamente pecuniárias ou materiais. Desde o ocorrido em 2018 tem sido travada uma luta diária entre a população "atingida", a empresa causadora do crime ambiental e os órgãos públicos como: IMA (Instituto do Meio Ambiente), MPF (Ministério Público Federal), Defesa Civil, Prefeitura de Alagoas e Governo de Alagoas. Essas ações vão desde a revisão de suas compensações, danos morais e a um tratamento social justo. Os estragos causados pelo crime remetem, dessa maneira, à produção de um sofrimento social a partir de aspectos socioculturais e políticos que geram frustrações, insegurança e incerteza em relação à definição de atingido e ao reconhecimento de seus direitos.

A socióloga Andréa Zhouri <sup>4</sup>(2017) trabalhou com o conceito a partir do desastre da Barragem de Fundão<sup>5</sup> (MG) em 2015, por sua vez, trabalha com a ideia que os impactos de projetos socioambientais muitas vezes atingem a identidade e a cultura das comunidades afetadas, e isso pode incluir a perda de práticas tradicionais, modos de vida específicos ou até mesmo a própria identidade cultural. O termo "atingido" proposto por Zhouri está alinhado com a busca por justiça ambiental, que também se articula com a ideia proposta por Vainer, uma vez que ambos estão interessados em compreender situações de conflitos socioambientais que violam direitos e submetem grupos vulnerabilizados a danos de natureza simbólica e material. Diante disso, a busca por justiça ambiental, refere-se ao empenho em garantir que as pessoas atingidas por tais impactos socioambientais sejam tratadas de maneira justa e recebam uma reparação pelo dano que foi causado.

Essa busca não está limitada apenas aos aspectos ambientais, mas também engloba

---

<sup>4</sup> Andréa Zhouri é uma destacada professora e pesquisadora brasileira, reconhecida por suas contribuições no campo da antropologia ambiental e estudos socioambientais. Ela possui formação em Ciências Sociais e é doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde também é professora e pesquisadora.

<sup>5</sup> Em 5 de novembro de 2015 ocorreu o rompimento da barragem de Fundão, da mineradora Samarco, em Mariana (MG), o maior desastre socioambiental do país no setor de mineração, com o lançamento de cerca de 45 milhões de metros cúbicos de rejeitos no meio ambiente.

dimensões sociais, econômicas e culturais. Para lidar com situações de impacto socioambiental, é necessário levar em consideração não apenas os danos que são visíveis ou mensuráveis, mas também perceber o impacto nas identidades culturais das comunidades afetadas. Isso possibilita uma percepção mais completa dos danos e das necessidades de reparação. Zhouri (2017) tem um interesse particular em abordar de forma mais abrangente as nuances e complexidades que envolvem as experiências das comunidades atingidas, que foram impactadas negativamente pela ação de grandes empreendimentos, que vão além da simples categorização de vítimas. Isso promove um domínio mais profundo das proporções sociais e culturais envolvidas nos impactos desses empreendimentos

## **2. 1 Tornei-me um atingido, e agora?**

O trecho transcrito a seguir extraído do poema publicado pelo jornal ‘A Sirene’ é de autoria de Angélica Peixoto, moradora da cidade de Mariana (MG), onde no ano de 2015 ocorreu o rompimento da barragem de Fundão.

*Choro por isso. Me sinto atingido por não saber ser atingido. Perdi lar, objetos afetivos, sentimento de pertencimento, acolhimento, conquistas. Não sei, como atingida, contabilizar minhas perdas ou o que ainda posso perder. Como calcular a extensão de tudo que aconteceu? (Angélica Peixoto, 2016)*

Diante de tragédias não anunciadas, a nossa mente tenta entender como será essa nova realidade. O que devemos fazer para aceitar o que ocorreu e qual o comportamento terei daqui por diante. O que é ser atingido? Qual o meu perfil de atingido? Com o evento ocorrendo as vítimas de desastres provocados por grandes empreendimentos, assim como o da Braskem, se veem obrigadas a viver uma nova realidade, a realidade do “atingido”. Para Zhouri (2017), quando ela trabalha o conceito de "atingido", ela está se referindo a um termo que vai além da noção tradicional de vítimas de desastres ou de afetados por impactos ambientais;

*O sujeito social ‘atingido’, além de um deslocamento físico e material, experimenta, ao fim e ao cabo, um deslocamento social e cultural. Um sujeito que passa por um processo dramático de sociabilidade forçada, forjada nos processos políticos e nas demandas burocráticas que lhe são alheios. (Zhouri, 2017, p 29).*

A representação do "aprender a ser atingido" envolve a inserção do indivíduo involuntariamente dentro de um novo contexto de vida, fazendo com que o mesmo se molde de acordo com as normas e processos burocráticos que lhe são desconhecidos, ou seja, o indivíduo precisa se adaptar a algo que ele não tem conhecimento a partir das decisões que estão sendo tomadas, muitas vezes sem o seu consentimento ou mesmo conhecimento. Esse processo de deslocamento forçado é permeado por sentimentos profundos de tristeza e angústia, já que os afetados precisam abandonar não apenas suas residências, mas também as histórias e memórias associadas a elas. Abandonar histórias e alegrias que foram vivenciadas naquele ambiente provoca uma nova realidade de forma compulsória.

No caso específico da Braskem, os atingidos foram pressionados a se conformar às regras nos termos, regulamentos e procedimentos de evacuação impostos pela empresa. Isso significa que foram obrigados a se adaptar a um novo modo de vida, que lhes era desconhecido, muitas vezes sem terem voz nas decisões que os afetaram profundamente. Essa imposição compulsória de uma nova realidade contribui para intensificar os sentimentos de desamparo e deslocamento experimentados pelos atingidos. Esse modus operandi calcado na lógica econômica "racional-burocrática" é uma forma de limitar as próprias ações dos atingidos, por não saberem o que está acontecendo isso produz um estado de letargia e um sofrimento social, que por sua vez, desencadeiam frustrações, inseguranças e incertezas no que diz respeito à definição de "atingido" e à luta para garantia de seus direitos. Essa limitação é resultado direto da sensação de desamparo e incapacidade de influenciar ou controlar a própria situação da qual estavam sendo acometidas.

Uma pessoa é "atingida" quando é atingida por um evento ou comportamento que causa dano, perda ou impacto significativo em sua vida ou comunidade. O termo é normalmente usado em situações em que as pessoas são prejudicadas por eventos como desastres naturais, degradação ambiental, conflitos armados, violações dos direitos humanos, deslocamentos forçados, etc. Os perfis das pessoas afetadas pela migração forçada ou impactos socioambientais são complexos e multifacetados, refletindo uma série de experiências, emoções e comportamentos em resposta às circunstâncias complexas em que se encontram.

Circunstâncias essas que podem ser, desamparo diante da situação, por achar que não tem resolução ou não encontra algum apoio sobre o evento da qual foi afetada, também

a perda da familiaridade que sofreu uma ruptura de pessoas que foram morar em outros bairros, e com isso ocorre um sentimento de solidão, abandono e ansiedade, mas em alguns indivíduos esse sentimento de dor também provoca ações de luta e resistência, muitos atingidos demonstram resiliência e resistência, lutando ativamente por seus direitos, buscando justiça e buscando soluções para suas situações, e apesar de algumas dificuldades, outro perfil de atingido também consegue se readaptar às novas circunstâncias e iniciar o processo de reestruturação de suas vidas nessa nova realidade do qual foi inserido de forma involuntária. Isso pode envolver a busca por novas oportunidades, redes de apoio (movimentos sociais, família, amigos, etc) e estratégias de sobrevivência.

Convém lembrar que dentro daquele espaço social viviam famílias, amigos e existia toda uma dinâmica nos bairros que proporcionava que as pessoas pudessem viver confortavelmente. Assim como o “suporte” financeiro é de direto dos moradores, também é importante disponibilizar apoio social, pois convém lembrar que antes do desastre, existiam muitos vínculos entre as pessoas do lugar, e com isso ocorreu uma grande ruptura entre os indivíduos. Esse processo compulsório de perda não se limita apenas à estrutura física das casas, mas também envolve a renúncia a experiências compartilhadas, alegrias vivenciadas e laços sociais estabelecidos ao longo do tempo. Essas rupturas provocaram em algumas vítimas uma série de danos emocionais, incluindo sentimentos de tristeza, solidão, raiva, incertezas, frustração e mortes. E entre muitos moradores ainda ocorre uma sensação de pertencimento, que em algumas entrevistas as pessoas citam como se ainda residissem no local da tragédia.

Izadora Santos: Poderia me falar se você sente falta de algo de sua rotina anterior nobairro?

João, ex-morador do Bom Parto: Sinto falta dos colegas. Os próprios colegas de lá, porque não foi uma relação de um ou dois anos, foi uma relação do ensino infantil ao ensino médio, com pessoas de lá e de Bebedouro também, então, quando a gente começou a se distanciar, muitos dos meus colegas começou pela rede social ‘Ei, borase ver?’. Uma coisa que era diária, ia à rua, era diário, ia à padaria, tudo junto, e depois disso agora não se vê mais. A relação com as famílias também. (João Paulo, Bom Parto, 24 de janeiro de 2024)

Essa expressão destaca a ideia de que as vítimas não apenas experimentam os efeitos do desastre, mas também precisam aprender a lidar com as consequências, muitas vezes impostas por regras, categorias, léxico, disposições e expectativas externas. Essa aprendizagem vai além da simples aceitação da situação; envolve a assimilação de novas realidades, a internalização de papéis e identidades transformadas pela tragédia. As vítimas, chamadas de "atingidos", geralmente enfrentam impactos negativos decorrentes

de atividades empresariais, como danos ambientais, deslocamento forçado, entre outros. Além de uma adaptação positiva ou negativa a uma nova realidade, onde novos modos sociais da localidade serão aprendidos pelos atingidos,.

## **2.2 Quais os impactos socioambientais para os envolvidos?**

Os impactos desse crime vão além das estatísticas e atravessam uma série de narrativas dolorosas. As consequências das ações da mineração em áreas urbanas causaram feridas e danos incuráveis tanto para os atingidos que tiveram bruscamente que mudar suas vidas, quanto para a natureza, principalmente a Lagoa Mundaú que divide os municípios de Maceió, Coqueiro Seco e Marechal Deodoro, onde se encontra com a lagoa Manguaba. Juntas, elas formam o Complexo Estuarino Lagunar Mundaú-Manguaba (CELMM, 2023), um dos ambientes mais representativos do litoral alagoano (G1, AL, 2023). A extração de sal-gema na região da Lagoa Mundaú, em Maceió, acontece desde a década de 1970, ano em que a petroquímica chegou ao estado.

Para além de ser local da exploração minerária, esse recurso hídrico é a fonte de sustento de muitas famílias que moram em sua foz e dela tiram seu sustento, e como resultante dessa ação humana criminoso a Lagoa Mundaú irá carregar esse fardo de perda de habitats, equilíbrio ecossistêmico comprometido, mudança local do clima e devastação da paisagem. De acordo com especialistas e estudiosos da área, “com o afundamento, a recuperação pode até acontecer, mas nunca será a mesma lagoa. A restauração somente seria viável com o investimento pesado em planos integrados de recuperação ambiental” (PELDCOM, 2023).

Mas em paralelo às consequências dessa exploração na Lagoa do Mundaú, há também a consequência social. Em entrevista, os atingidos pelo crime revelam histórias de luta, seja para construção de seu antigo lar, até a criação de um filho (a), perda e resiliência. Entre muitos ainda existe um grande saudosismo pelo bairro. O apego ao lugar aparece por vezes associado aos laços mais gerais criados ao longo das trajetórias de vida, à vizinhança, às práticas cotidianas e aos hábitos e valores das comunidades em que estavam inseridos.

Em outros casos, em que a sociabilidade se mostra mais frágil, este apego está diretamente associado a conquistas mais específicas como a construção da casa própria, marcada pelos sacrifícios constantes e por uma interminável luta para se atingir um mínimo necessário (Dora Vargas, 2009). Apesar de cada bairro ter sua particularidade,

alguns ex-residentes ainda hoje sentem falta e lembram-se de atividades nas praças do bairro, encontros casuais com familiares, blocos carnavalescos, missas, etc.;

Izadora: Poderia me falar se você sente falta de algo de sua rotina anterior no bairro? Fernanda, ex-moradora do Pinheiro: As praças, porque tem muitas praças, e lá era uma região onde eu levava o meu filho pra brincar, tinha um espaço bem melhor pra deixar ele correr, circular. E eu não tinha medo, nem insegurança por questões de violência. (Fernanda, Pinheiro, 11 de Janeiro de 2024)

Além dos atingidos lidarem com a incerteza de como iriam conduzir suas vidas diante do desastre, eles precisavam lidar com acordos que eram organizados e com os valores que a empresa causadora do crime lhes ofertava. Inicialmente o termo de compromisso que fazia parte do PCF<sup>6</sup> (Programa de Compensação Financeira) criado pela empresa que contava com cinco mil reais para ajuda de custo com a mudança da antiga residência, até o aluguel social que era pago mensalmente e obrigatoriamente pela empresa no valor de mil reais até o final das negociações, que na maioria das vezes não supria o pagamento de um aluguel na cidade devido aos constantes aumentos no custo de moradia desencadeados pelo crime. Diante disso, os atingidos se viram obrigados a iniciar uma nova rotina de adaptação, que para alguns se tornava muito dolorosa e lhes causava muitos problemas, sejam de saúde, mas muitas vezes problemas que afetaram a saúde mental. Junto a isso, ainda precisavam lidar com o período pandêmico, tendo em vista que as primeiras ações de realocação desses moradores se iniciaram em meados de 2020.

Izadora: Você avalia que essa nova realidade te impactou emocionalmente? Alda, ex-moradora do Pinheiro: Me afetou e muito. E a demora, que eu passei dois anos nessa negociação. Nessa demora, desenvolvi até arritmia. Na época eu já estava nervosa demais, já não aguentava mais, eu já estava tomando remédio para dormir e depois eu desisti de tudo porque eu já estava andando como um zumbi parei de tomar esses remédios e fiquei com a psicóloga, com ela eu fiquei até o ano retrasado, passei uns quatro anos com a psicóloga. (Alda, Pinheiro, 9 de janeiro de 2024)

Esse relato retrata não só a situação dessa entrevista, mas de outras famílias que

---

<sup>6</sup> O PCF faz parte do acordo assinado com as autoridades para apoiar a desocupação das áreas de risco. Após assinatura do Termo de Compromisso, documento que garante que a Braskem irá pagar os auxílios para a realocação segura e pelo qual o morador compromete-se a desocupar o imóvel, ocorre o pagamento do auxílio-financeiro, no valor de R\$ 5 mil, para cobrir custos extras de aluguel. Além disso, o Programa disponibiliza imediatamente após assinatura do Termo de Saída, auxílio-aluguel, no valor de R\$ 1 mil mensal. Este subsídio é pago por, pelo menos, seis meses e até dois meses após a homologação da proposta entre a Braskem e o morador.

se viram “abandonadas” tanto pelo poder público que não prestou nenhum tipo de suporte social ou econômico, quanto pela empresa, que com o crime em curso, praticamente forçou os atingidos a buscarem uma readaptação. Os atingidos, ao perceberem que seus direitos e qualidade de vida estavam em jogo, se mobilizaram por meio de protestos, petições e ações legais buscando compensação por parte da Braskem. A dor de pertencer ao lugar, mas não viver mais nele, torna-se angustiante quando ligada a uma rotina que não será mais vivida ali. De uma casa que não será mais habitada, e hoje é apenas um monte de entulho.

Izadora Santos: Você avalia que essa nova realidade te impactou emocionalmente?

João, ex-morador do Bom Parto: Porque assim...A gente entra numa casa nova, mesmo que seja comprada por nós, a gente nunca diz que é nossa. ‘Ah, não é minha, não’. Mesmo que a casa seja melhor, a gente nunca diz que é nossa. Então, quando eu olhava pra aquela nova, eu dizia ‘Não, mas na minha casa meu quarto era assim, era assado’. Meu quarto já tinha os cantinhos de marcar na parede, um quadrozinho na parede, as coisas de estudar. Eu deitava e já colocava as coisas de estudar. Então, quando eu entrei no quarto assim, eu ‘Meu Deus, eu tô na casa de outra pessoa’ (João Paulo, Bom Parto, 24 de janeiro de 2024).

Não se enxergar mais dentro daquele ambiente do qual estavam acostumados provocou em alguns atingidos o sentimento de não-pertencimento, você estava vivenciando o momento, mas não se sentia parte da realidade na qual estava vivendo, e ocorria uma sensação desconfortável pela falta de familiaridade com o ambiente. E por consequência, causava um estranhamento e ocorre uma dificuldade maior para se readaptar. Havia um apego muito grande em cada residência que foi atingida. Cada casa representava um capítulo, um testemunho dos anos vividos, das risadas compartilhadas, das lágrimas derramadas.

## **2. Conflitos entre os atingidos e órgãos públicos**

A questão que mais tem sido debatida desde o crime ocorrido em 2018 é a atuação dos órgãos públicos e dos políticos diante das ações da empresa no estado por quatro décadas. Durante as entrevistas os atingidos questionaram como uma empresa de posição global e “ambiental” pôde agir no estado por tantos anos e não oferecer aos órgãos reguladores um monitoramento de suas ações para uma extração próxima de área urbana. Todos consideram que tanto o estado quanto seus principais órgãos foram

beneficiados pela petroquímica.

Izadora Santos: Como você avalia a atuação dos órgãos públicos e dos políticos? Porquê?

Fernanda, ex-moradora do Pinheiro: A minha consideração é que faltou a participação desses órgãos públicos no sentido de proteger a população, eu acho que protegeu mais a Braskem, em detrimento da população. A população não foi ouvida, no momento de questionamento a gente não é ouvido. Mesmo que se criou um comitê, esse comitê que eu não vejo representação, não vejo nada sobre ele. Eu vejo que o Ministério Público Federal, as ações que ele fez eu acho que beneficiou mais a Braskem em detrimento dos moradores. (Fernanda, Pinheiro, 11 de janeiro de 2024)

Esses conflitos muitas vezes surgem devido a uma série de fatores complexos que envolvem interesses distintos, e em alguns casos, pela não transparência por parte das autoridades. Além disso, essa falta de transparência e informação que involucra órgãos públicos e a própria petroquímica contribui para causar desconfiança entre as partes interessadas. Na verdade, a perspectiva territorial patrimonialista,<sup>7</sup> vê a população como um obstáculo a ser removido para viabilizar o empreendimento, impondo condições de indenização e tabelas de preços (Vainer, 2008). Quando os atingidos se sentem excluídos do processo de tomada de decisões sobre seu futuro ou não têm acesso à informações claras sobre os planos e impactos dessas ações governamentais que foram expostas, é natural que surjam conflitos e descontentamento.

As diferentes classes e frações de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição à imposição do mundo social, mas conforme seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais. (Bourdieu, 1989). Essa luta não se limita apenas à distribuição de recursos materiais, mas também envolve a batalha pela imposição de significados e valores que moldam a compreensão coletiva do mundo social. Essa luta simbólica, por sua vez, influencia a reprodução e transformação das estruturas sociais. Devido essa falta de transparência foram criados movimentos sociais em prol dos atingidos para prestar assistência e muitas vezes uma consultoria mais especializada como: SOS Pinheiro, MUVB (Movimento Unificado das Vítimas da Braskem), SOS Braskem, etc. E esses movimentos tinham e têm o papel de contrariar a pertinência das instâncias de negociação entre a empresa causadora do crime

---

<sup>7</sup> A perspectiva patrimonial desenvolvida por Vainer (2008) é uma abordagem que considera a população residente em determinado território como um obstáculo à implementação de projetos territoriais, tanto urbanos como rurais. Nesta perspectiva, o território é entendido principalmente como uma fonte de riqueza explorável, e os interesses econômicos e comerciais têm precedência sobre as necessidades e direitos das comunidades locais.

socioambiental e os atingidos pelo crime socioambiental. Os movimentos sociais constituídos e organizados por residentes e ex-residentes e organicamente organizados por eles, têm argumentado que essas instâncias de negociação favorecem mais a empresa que os ‘atingidos’, levando a acordos desiguais ou insuficientes para compensar os danos causados. Essa contestação muitas vezes visa garantir que os atingidos tenham uma voz significativa nas decisões que afetam diretamente suas vidas e que a responsabilidade da empresa mineradora seja mais rigorosamente avaliada e controlada em relação aos impactos socioambientais causados.

Izadora: Você já procurou se aproximar de algum movimento de luta?

Alda, ex moradora do Pinheiro: SOS Pinheiro. Faço parte até hoje. Foi um apoio. A gente ouvir a dor de cada um, a gente se coloca no lugar. É como se fosse um consolo, um apoiando o outro, tá? E assim, as orientações, porque tem aqueles que são mais a frente, os líderes, e aí eles vão dizendo o que é que ta acontecendo e a gente vai seguindo, né? (Alda, Pinheiro, 9 de janeiro de 2024)

Além da insatisfação e falta de reconhecimento por esses órgãos públicos e até da empresa causadora do crime, os atingidos procuraram esses movimentos sociais que também serviam como um meio de apoio e conforto, onde eles podiam compartilhar suas dores e angústias com pessoas que estavam passando pela mesma situação e conseguem ser ouvidas sem qualquer tipo de julgamento, pois todas estas haviam sido acometidas pelo mesmo sentimento.

### **3.1 – Atingido ou Vítimas, qual a percepção que os ex-residentes têm sobre si?**

Em meio às entrevistas realizadas com os ex-residentes dos bairros atingidos foi possível inferir a grosso modo a percepção que cada um tinha sobre si após a tragédia. Como eles, enquanto atingidos pelo crime, se percebiam e se sentiam. Muito utilizado durante os relatos, o termo "vítima" tende a carregar uma carga emocional mais forte para descrever pessoas que foram prejudicadas, feridas, ou sofreram algum tipo de dano, muitas vezes como resultado de eventos traumáticos, crimes, desastres naturais, conflitos ou outras circunstâncias adversas.

Izadora: Como você se vê após a tragédia?

Josefa, ex-moradora do Mutange: Eu me sentia muito mal, todos os dias eu chorava porque não podia fazer nada, tudo o que eu lutei pra construir tinha acabado, eu tinha tudo ali naquele bairro e fui vítima dessa empresa. Tive que aceitar, minha fia, porque já não tinha mais nada ali pra fazer. (Josefa, Mutange, 6 de fevereiro de 2024)

As pessoas se tornaram vítimas de maneira involuntária, muitas vezes sem ter controle sobre as circunstâncias que as afetaram. Isso gerava sentimentos de impotência por não saber como agir diante do crime cometido pela petroquímica, injustiça e trauma. Por isso o papel dos movimentos sociais se tornou tão importante dentro desse contexto, porque alguns movimentos sociais de apoio ou associação em benefício desses moradores, carrega consigo e se apresenta com essa nomenclatura, um exemplo disso é o MUVB (Movimento Unificado das Vítimas da Braskem), formado por habitantes e ex-moradores dos bairros atingidos que traz em seu nome a expressão vítimas, por exatamente carregar esse perfil de além de uma representação jurídica, também prestação de um suporte social. Em todo caso a vítima é alguém que precisa de amparo, proteção e reparação. Ela muitas vezes enfrenta desafios para se recuperar do ocorrido e pode precisar de apoio e assistência para reconstruir sua vida.

Izadora: Você já procurou se aproximar de algum movimento de luta?

Lina, ex-moradora de Bebedouro: Então. De vez em quando eu to no meio do povo. Como eu tiro foto, eu tenho essa questão documental. Muita gente que eu vejo do movimento MUVB [MUVB] tem outros movimentos e eles estão procurando sempre fazer o melhor. (Lina, Bebedouro, 18 de janeiro de 2024).

Já a percepção do ser “atingido” pode ser mais ampla e menos carregada emocionalmente do que a percepção sobre ser "vítima". Ela vai além de uma simples narração do crime que a empresa cometeu, ela envolve um reconhecimento dos direitos das pessoas que foram afetadas e, por consequência, demanda a responsabilidade da empresa em oferecer alguma forma de reparação ou compensação, seja ela econômica ou social. E pode refletir uma abordagem mais objetiva, descrevendo o impacto sem enfatizar o papel passivo das pessoas que foram afetadas pelo crime. Essa abordagem objetiva propociona uma análise mais completa dos danos causados e das medidas necessárias para mitigar esses impactos e restaurar os direitos das pessoas afetadas.

Izadora: Você recebeu o suporte necessário da empresa responsável pelo crime ambiental?

Fernanda: E sobre o suporte, mesmo eu estando trabalhando lá, eu não obtive nenhum suporte, de forma alguma, nem psicológico, ninguém nunca ligou pra ver se a gente precisava de um atendimento psicológico. O único foi pra o cachorro na horada mudança, me senti totalmente invadida. Porque quando a gente faz uma mudança, que é uma mudança programada, e nisso a gente cria algumas expectativas, sonhos que serão concretizados, mas quando é uma mudança que foi de forma coercitiva, uma mudança que a gente não programou, então quando chega aquele carro da mudança, eu me senti completamente invadida, tipo, as pessoas entraram na minha casa, pessoas que até então eu não iria convidar pra fazer isso. (Fernanda, Pinheiro, 11 de janeiro de 2024).

Ter um entendimento do ser atingido ou vítima é compreender que houve um crime e um impacto para milhares de famílias que vivam nos cinco bairros, mas não só para famílias, a degradação da Lagoa do Mundaú, o trânsito da cidade de Maceió, a alta dos aluguéis residenciais e a perda de território urbano, embora alguns prédios históricos ainda existam no lugar, restam só as lembranças de lugares, como: a Paróquia Nossa Senhora de Pádua em Bebedouro, onde se reuniam milhares de fiéis que frequentavam as missas, a Praça Lucena Maranhão, que era palco de diversas festividades, encontros entre os moradores e blocos de carnaval e o tão conhecido mercado de Bebedouro, que além de suprir as necessidades da população, também gerava empregos para muitos moradores que tinham seu comércio no local.

Também não podemos deixar de mencionar o campo do CSA (Centro Sportivo Alagoano) que era localizado no bairro Mutange, onde muitos moradores conseguiam acompanhar os treinos de suas janelas, onde existiam vínculos entre vizinhos que viviam há mais de décadas nos bairros. E o bairro do Bom Parto, lugar de muitas escolas como a Cincinato Pinto, Padre Brandão Lima, a igreja Nossa Senhora do Bom Parto, a Associação de Moradores, além da Estação do VLT (Veículo Leve sob Trilhos) entre os bairros do Bebedouro e Bom Parto. Outro bairro que foi acometido foi o bairro do Farol, onde suas ruas serviam de ligação para motoristas que acessavam a Avenida Fernandes Lima. E o bairro do Pinheiro, tão conhecido pela Igreja Menino Jesus de Praga e o ponto de encontro do famoso inesquecível Caldinho do Vieira.

Izadora: Poderia me falar se você sente falta de algo de sua rotina anterior no bairro? Tereza, ex-moradora do Farol: Eu vou me lembrar de tudo ali com carinho, porque tudo ali tinha uma história. Toda minha vida vivi ali, sabia andar por todos os lugares e gostava muito do ambiente. Todo mundo se dava bem, todos os meus familiares estavam sempre por perto. (Tereza, Farol, 8 de fevereiro de 2024)

O crime de impacto socioambiental não apenas desencadeia danos imediatos, mas também exige uma abordagem abrangente e colaborativa para sua superação. Independentemente de como as pessoas que foram afetadas percebem a si mesmas - seja como vítimas ou atingidas - o fato incontestável é que ocorreu um evento danoso que teve impactos significativos em suas vidas, positivo (no sentido de pessoas que moravam em áreas de alto risco de desabamento) ou negativo (a dor de sair de sua casa, lembranças, ruptura entre os vínculos, etc). A característica processual é enfatizada em contraposição à ideia do desastre como acontecimento único, um evento que ocorre de forma isolada e

demarcada em certas frações de tempo (Zhour, 2019). Os desastres não se restringem a um momento pontual, mas sim a um processo que se desenrola ao longo do tempo, envolvendo diversas fases, interações e impactos. Isso pode incluir a preparação para o desastre, a resposta durante o evento, e os processos de recuperação e reconstrução após o desastre ter ocorrido. Todos têm ciência de que dos cinco bairros atingidos irá restar apenas histórias, lembranças e emoções. E o papel que tanto os órgãos públicos que aqui foram citados, quanto a empresa, deveria ser de não deixar as histórias desses bairros se apagarem.

Izadora Santos: Após o tremor de 2018, o que mudou em sua vida?

Lina: Você ver isso tudo indo embora, porque não destruiu apenas um bairro, destruiu a história. Toda vez que eu passo pelas casas, eu fico olhando assim, que cada parede daquela, às vezes as pessoas dizem assim: É só uma casa!. Mas cada parede daquela tem história, tem anos, tem muita coisa. Eu tenho 26 anos, e eu tive que aprender a entender que uma casa não é só uma casa, é uma história, é uma família, é uma vivência. (Lina, Bebedouro, 18 de janeiro de 2024)

A entrevistada desabafa que cada casa atingida não é apenas um endereço, mas um livro aberto de memórias. Cada parede dentro de cada residência destruída é uma testemunha silenciosa de acontecimentos, crescimentos e mudanças. E as ruas, agora vazias, com mato e tamponadas, já serviram de palco para brincadeiras, reuniões familiares e celebrações, que dentro daquele contexto não serão mais vividas.

#### **4. Considerações finais**

O presente artigo teve como intuito analisar a pessoa “atingida”, a partir do conceito proposto por Andréa Zhour (2017) e Vainer (2003) com base no crime cometido pela petroquímica Braskem, que vem à tona no ano de 2018 e segue em curso, haja vista que os impactos dessa problemática não foram resolvidos de imediato, mas sim persistem, e se manifestam ao longo de um período prolongado. E que uma das consequências em processo são as minas que foram cavadas por décadas pela Braskem para extração de Sal-gema, e atualmente ainda correm risco de desabamentos. E também de moradores, que lutam para que a justiça reveja o valor que foi pago pela empresa, mas principalmente o valor dos danos morais.

Em paralelo a isso, também podemos citar a realocação forçada de cinco bairros tradicionais de Maceió/AL, além de uma série de problemas socioambientais para o

estado. Que traria consigo não só uma batalha árdua pelo reconhecimento dos atingidos, mas também pela garantia de direitos. E por vezes essas batalhas vêm acompanhadas de consequências emocionais, econômicas e morais. Por meio dessas entrevistas, pude entender melhor não apenas os impactos materiais e tangíveis que foram causados pelos eventos, mas também as

consequências emocionais, sociais e psicológicas que reverberam na vida das pessoas que foram afetadas. Assim sendo, independentemente da nomenclatura utilizada para descrever sua condição, as pessoas afetadas enfrentam desafios significativos em sua jornada para se adaptar, se recuperar e garantir uma compensação justa pelos danos sofridos. E embora não seja divulgado com tanta veemência, ainda há animais domésticos soltos nos bairros atingidos, como: cachorros, gatos e cavalos, que a empresa em si criando um programa para adoção desses primeiros, não consegue ter um controle sobre os que ainda continuam soltos. Este é um processo contínuo que requer cooperação e ação coordenada de todos os envolvidos para garantir que sejam alcançadas soluções satisfatórias para as comunidades afetadas. Cada esfera social foi atingida pelo ato cometido pela petroquímica, e a recuperação será duradoura.

## 5. Referências

ASCOM/IBAMA. **Rompimento da Barragem de Fundão: Documentos relacionados ao desastre da Samarco em Mariana/MG.** Disponível em: <https://www.ibama.gov.br/informes/rompimento-da-barragem-de-fundao>. Acesso em: 5 abr. 2024.

BOURDIEU, P. (2001). **O poder simbólico.** In: Bourdieu, P. O Poder Simbólico. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

BRASKEM. (s.d.). **Programa de compensação financeira Braskem.** Recuperado em 10 de março de 2024, de <https://www.braskem.com.br/como-funciona>

CONTEÚDO, E. (2019, novembro 20). **Braskem vai remover pessoas de bairros que estão afundando em Maceió.** Exame.com. Recuperado em 10 de março de 2024, de <https://exame.com/negocios/braskem-vai-remover-pessoas-de-bairros-que-estao-afundando-em-maceio>

Entenda os impactos na lagoa Mundaú em caso de colapso da mina da Braskem em Maceió. (2023, dezembro 10). G1. Recuperado em 10 de março de 2024, de <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2023/12/10/entenda-os-impactos-na-lagoa-mundau-em-caso-de-colapso-da-mina-da-braskem-em-maceio.ghtml>

ENTENDA O CASO. (s.d.). Mpf.Mp.Br. Recuperado em 10 de março de 2024, de <https://www.mpf.mp.br/grandes-casos/caso-pinheiro/arquivos/entenda-o-caso>

JORNAL, A **SIRENE-** Ed. 6 (setembro). (2016, September 6). Issuu. Recuperado em 10 de março de 2024, de [https://issuu.com/jornalasirene/docs/a\\_sirene\\_ed6\\_setembro\\_issu](https://issuu.com/jornalasirene/docs/a_sirene_ed6_setembro_issu)

PERFIL E HISTÓRIA. (s.d.). Braskem. Recuperado em 10 de março de 2024, de <https://www.braskem.com.br/perfil>

SOCIOLOGIA DOS DESASTRES— **construção, interfaces e perspectivas no Brasil** / organizado por Norma Valencio, Mariana Siena, Victor Marchezini e Juliano Costa Gonçalves — São Carlos : RiMa Editora, 2009.

Sururu pode ser extinto da lagoa Mundaú após colapso de mina em Maceió, diz especialista. (2023, dezembro 6). G1. Recuperado em 10 de março de 2024, de <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2023/12/06/sururu-pode-ser-extinto-da-lagoa-mundau-apos-colapso-de-mina-em-maceio-diz-especialista.ghtml>

TEIXEIRA, R. O. S., Zhouri, A., & Motta, L. D. (2021). **OS ESTUDOS DE IMPACTO AMBIENTAL E A ECONOMIA DE VISIBILIDADES DO DESENVOLVIMENTO.**

Revista Brasileira de Ciências Sociais, 36(105). <https://doi.org/10.1590/3610501/2020>

VAINER, C. B. (2003). **Conceito de "Atingido": uma revisão do debate.** In: Rothman, F. D. (Org.). Vidas Alagadas - conflitos socioambientais, licenciamento e barragens. Viçosa: UFV.

VAINER, Carlos Bernardo. Carlos Bernardo Vainer. Escavador, [S.l.]. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/7346909/carlos-bernardo-vainer>. Acesso em: 5 abr. 2024.

ZHOURI, Andréa (org.). **Mineração, violências e resistências: um campo aberto à produção de conhecimento no Brasil.** Editora IGUANA, 2017.

ZHOURI, Andrea Luisa Laschefski. Andrea Luisa Zhouri Laschefski. Escavador. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/7582743/andrea-luisa-zhouri-laschefski>. Acesso em: 5 abr. 2024.